



## FORÇAS ARMADAS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO CONE SUL

**CARLOS EDUARDO RIBERI LOBO**

Pós-Doutor e Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP<sup>1</sup>

E-mail: edrilo@uol.com.br

**Resumo:** O presente trabalho parte da hipótese de que a modernização técnica e doutrinária das Forças Armadas dos países do Cone Sul, Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, a partir da Segunda Guerra Mundial, não ocorreu com apoio exclusivamente norte americano. A presença europeia, com destaque para as indústrias bélicas, forças armadas e diplomacia da França, Alemanha, Reino Unido, Itália e Espanha, ganharam importância nas últimas quatro décadas, rivalizando com os EUA. Outro fornecedor relevante, mas pouco lembrado é Israel que sempre viu na América do Sul um mercado para a sua indústria bélica. Depois do fim da Guerra Fria a Rússia também conseguiu um papel ativo nesse contexto.

**Palavras Chave:** Forças Armadas; Relações Internacionais; Cone Sul.

**Abstract:** The present work on the assumption that technical modernization and doctrinal Armed Forces of the Southern Cone countries, Argentina, Brazil, Chile, Paraguay and Uruguay, from World War II, there not occurred exclusively with North American support. The European presence, especially in the defense industries, military and diplomacy of France, Germany, UK, Italy and Spain, have gained importance in the last four decades, rivaling the U.S.. Another relevant supplier, but little remembered, Israel is always seen in South America a market for its arms industry. After the end of Cold War Russia also managed an active role in this context.

**Keywords:** Armed Forces; International Relations; Southern Cone.

<sup>1</sup> Professor Titular do UNIFAI. Professor Conferencista de Geopolítica no CAES e na ESB da PMESP e do NEAG da AFA-FAB. Membro e pesquisador do GEAP da PUC-SP e do GEMAS da USP.



**Resumen:** El presente trabajo en el supuesto de que la modernización técnica y doctrinales Fuerzas Armadas de los países del Cono Sur, Argentina, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay, a partir de la Segunda Guerra Mundial, no se produjo exclusivamente con apoyo norteamericano. La presencia europea, sobre todo en las industrias de defensa, militar y diplomática de Francia, Alemania, Reino Unido, Italia y España, han ganado importancia en las últimas cuatro décadas, rivalizando con los EE.UU. Otro proveedor importante, pero poco recordado, Israel que siempre ve en América del Sur un mercado para su industria armamentística. Tras el fin de la Guerra Fría Rusia también logró un papel activo en este contexto.

**Palabras clave:** Fuerzas Armadas; Relaciones Internacionales; Cono Sur.

## Introdução

A partir do pós Segunda Guerra Mundial e com um desenvolvimento industrial acentuado, os EUA saíram em vantagem nos anos seguintes com relação a produção industrial global, com destaque para a sua indústria bélica. Essa permaneceu intacta durante o conflito e obteve grande desenvolvimento tecnológico. Isso ficou mais evidente em relação aos danos provocados pela guerra no continente europeu e no Japão, que afetaram muito a capacidade industrial dessas regiões e também das suas indústrias bélicas (CAZADERO, 1995).

Essa vantagem seria também importante num primeiro momento para o fornecimento de material bélico, para os países da América do Sul. Todavia os europeus, especialmente a Alemanha, França, Itália e Grã Bretanha, iriam recuperar terreno a partir das primeiras décadas depois da Segunda Guerra, com o renascimento da sua indústria bélica, decorrente também da criação da Organização do Atlântico Norte - OTAN. Cabe destaque para a indústria bélica de Israel a partir da década de 1970 e a conquista de mercados importantes na América do Sul. A Espanha por sua vez a partir da década de 1980 alcançou sucessos significativos como país exportador para a região.

A economia norte-americana era responsável por parte significativa da produção industrial mundial no pós-guerra e um dos setores em franco desenvolvimento era o da indústria bélica. Essa indústria, que cresceu sob o fordismo e tinha aparentemente uma vantagem significativa para o fornecimento de equipamentos para países da América do Sul – Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai, fazendo parte da área de atuação geopolítica dos EUA desde o início do século XX. Ou seja, a produção em larga escala e a venda de excedentes produzidos para a América Latina em geral, resultado da presença histórica dos EUA na região.

Desse modo ocorria a consolidação de um “mercado preferencial”, em sua área de influencia geopolítica. O pós-guerra gerou uma “era dourada” para o crescimento econômico nos EUA até meados da década de 1970, aumentando consideravelmente a sua produção industrial. A indústria bélica norte-americana seguiu esse mesmo caminho a passos largos (ZAKARIA, 2008; CAZADERO, 1995; HOBBSAWN, 1995).



Entretanto a presença da indústria bélica europeia voltou a ter influencia já na década de 1950. Isso se deve a sua relação histórica com Forças Armadas da região desde o século XIX, ou seja, do estabelecimento de relações duradouras por parte dos países do Cone Sul com os países desenvolvidos, através do fornecimento de equipamentos e doutrinas para a reorganização das suas Forças Armadas. Esse papel de ator significativo nas relações internacionais desempenhado pela indústria bélica europeia fica mais claro quando do processo de modernização das Forças Armadas da América do Sul desde o início do século XX, logo após a Primeira Guerra Mundial. Foram criadas Forças Armadas com modelos institucionais, organizacionais e principalmente doutrinas à europeia.

Doutrina no sentido da organização e funcionamento das instituições, assim como na aquisição de equipamentos adequados para a realização de determinada linha doutrinária decorrente da utilização desses equipamentos e funções a serem exercidas. É claro que nenhuma doutrina transplantada de um país para outro é aplicada sem nenhuma adaptação ou transformação. Mas algumas doutrinas funcionaram como atos de fundação das instituições, como as missões militares europeias que vieram reorganizar as Forças Armadas do Cone Sul. Mas é fundamental destacar outro objetivo importante, que era garantir um mercado preferencial para os produtos militares dos seus países de origem, criando relações de dependência militar, geopolítica e estratégica.

A grande fonte de inspiração das instituições militares nas suas reformas e modelos de modernização foi a Europa Ocidental, seguida posteriormente pelos EUA depois da Segunda Guerra. Foram muito mais frequentes a influência alemã e francesa nos Exércitos e também italiana nas Forças Aéreas. A presença britânica nas Marinhas foi mais constante até a década de 1950. Geralmente as Polícias seguiram as influências dos Exércitos, por serem também forças de organização terrestre, ficando as Forças Aéreas com uma combinação das influências dos EUA, França, Alemanha e Itália até a Segunda Guerra, sendo posteriormente suplantadas pelo papel atuante dos EUA na área aeronáutica durante a Guerra Fria (ENGLISH, 1984; VILLADA, 2007).

A partir da década de 1970 a presença israelense ganhou força, principalmente nas forças aéreas da região e em menor escala nos exércitos. Israel atuava como exportador de armas, a maioria oriunda dos EUA, mas também aqueles produzidos e exportados por Israel. Quando os norte-americanos não podiam exportar armamentos diretamente, por questões de embargo ou conflitos, recorriam indiretamente a Israel, seu aliado de longa data.

Desse modo Israel agia por procuração como exportador de armamentos dos EUA, terceirizando o comércio de armas com os governos militares no Cone Sul nas décadas de 1970 e 1980, mas mantendo os países aliados dos EUA na Guerra Fria abastecidos de equipamentos militares. Depois do fim da Guerra Fria a Rússia surgiu como um fornecedor alternativo, com farta quantidade de equipamentos a preços mais baixos do que os concorrentes, EUA e Europa. No caso russo a presença é maior nas forças aéreas e nas unidades da aviação do exército, principalmente pela venda de helicópteros. Nas duas últimas décadas a Espanha também vem ganhando espaço, com o fornecimento de aviões de treinamento e transporte (FEINSTEIN, 2011; REVISTA FLAP INTERNACIONAL, 2008; GLOBONEWS, 2012)



## Os EUA e a América do Sul

Um fator importante na relação entre os países do Cone Sul e a sua ligação com países centrais fornecedores de armas é a questão geopolítica. Nesse sentido é possível compreender o papel relevante desempenhado pelos EUA a partir da Primeira Guerra Mundial na região, buscando rivalizar e suplantar os países e indústrias bélicas da Europa com a sua própria indústria bélica e depois da Segunda Guerra Mundial com o denominado Complexo Industrial Militar. Para os EUA o continente americano sempre foi sua área de interesse e ação, principalmente depois da Guerra contra a Espanha em 1898 e o seu papel de potência continental construído com mais força após a Primeira Guerra Mundial, garantindo para os EUA a defesa dos seus interesses no Hemisfério Ocidental (BANDEIRA, 2005).

Depois da Segunda Guerra Mundial, a indústria bélica norte americana esteve à frente de um grande desenvolvimento tecnológico e militar, naquilo que foi descrito pelo presidente Dwight Eisenhower como “complexo industrial militar”, que teria forte influência nas políticas públicas e nos gastos do Estado americano com suas Forças Armadas. Para a manutenção desse aparato industrial em larga escala, era necessária a demanda e o consumo. A demanda era assegurada pela política pública de gastos militares constantes e em ascensão desde o início da Guerra Fria, o consumo era garantido pelas novas encomendas, substituindo material considerado obsoleto e fornecendo o que não estava mais em uso para os aliados dos EUA.

Essa mesma lógica abasteceu a indústria aeronáutica e bélica, desenvolvendo e criando equipamentos novos, forçando a troca de equipamentos pelos de origem norte-americana a cada 10 ou 15 anos, para garantir a sobrevivência dessa indústria nos EUA. O mesmo ocorrerá com a indústria bélica europeia dos países da OTAN. Os produtos militares mais antigos acabavam sendo repassados para os países do Cone Sul.

O abastecimento dos países da região do Cone Sul com material bélico usado ou obsoleto de origem norte-americana, garantiam: influência econômica - pela dependência da indústria americana; geopolítica - pelo fornecimento de equipamentos evitando a adoção de outras linhas de produção ou mesmo doutrinas; ideológica - pela adoção de doutrinas e contatos, através de cursos e adoção de procedimentos padronizados oriundos das Forças Armadas dos EUA, para a utilização desses equipamentos nos países absorvedores de tecnologia e doutrinas norte-americanas.

Todavia, o mesmo ocorreu com a Europa Ocidental a partir do final da década de 1950, seguindo os mesmos padrões para manter o complexo industrial militar europeu ocidental em moldes semelhantes ao modelo norte americano. Desse modo foi estabelecido pelos fornecedores de armamentos, EUA e países europeus, que o padrão OTAN de aquisição e uso de armamentos deveria ser adotado pelos países do Cone Sul. Essa ação ocorreu via ações econômicas, geopolíticas e ideológicas com a manutenção de um mercado consumidor tradicional, ou seja - Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.



Tanto é que muitas vezes no campo militar a Europa Ocidental vai conseguir obter tanto ou mais influência que os EUA. Outro fator importante para entender as relações internacionais das Forças Armadas no Cone Sul, é a sua atuação em missões auxiliares ou de caráter social, onde poderiam ser acrescentadas outras atividades para as Forças Armadas, que não somente aquelas de defesa territorial e garantia da soberania. Esse fator provavelmente explicaria a dificuldade na aquisição de equipamentos de última geração, tanto pelo custo como pela política de não transferência de materiais sofisticados e tecnologia de ponta pelos EUA e Europa. Apenas o Chile parece ser uma exceção nos últimos dez anos com sua política de reequipamento das suas Forças Armadas e está adquirindo equipamentos militares mais sofisticados, tanto dos EUA como da Europa (TECNOLOGIA E DEFESA, 2007).

Entretanto, a carência de recursos e o subdesenvolvimento fizeram com que ao longo da história as Forças Armadas do Cone Sul realizassem as seguintes missões:

1 - Ações de desenvolvimento social, frequentemente as Forças Armadas do Cone Sul atuam em missões de caráter cívico e social, como na área de saúde, construção civil, integração de populações isoladas, manutenção da presença do Estado, preservação da vida, combate a desastres ambientais, auxílio em caso de catástrofes, etc. Por essa característica ampla de atuação, que poderíamos chamar de assistencial, as Forças Armadas do Cone Sul tem muito mais funções "de apoio à sociedade civil" do que suas semelhantes na Europa Ocidental e nos EUA, com as quais possuem ligações históricas e influências em termos de doutrina e equipamento.

2 - Esse tipo de atividade, realizar funções de caráter social, muitas vezes não são aquelas para as quais originalmente essas instituições foram criadas. Portanto essas instituições acabaram cumprindo tarefas complementares àquelas exercidas pelas Forças Armadas, com ações sociais e nas missões de Defesa Civil, até pelas carências existentes nessa área nos países estudados.

3 - Depois do fim da Guerra Fria, os norte-americanos e os europeus ocidentais tiveram que enfrentar um novo concorrente, mas não tão novo assim, os produtos da indústria bélica da Rússia, que após a conturbada década de 1990 em termos econômicos, voltou a ser um concorrente forte na América do Sul. Vendendo equipamentos militares para a Venezuela, Colômbia, Peru – de quem já era um tradicional fornecedor - e mais recentemente o Brasil com a compra de helicópteros russos Mi - 35 pela FAB, que serão utilizados em missões de combate como de busca e salvamento na Amazônia. Outras forças aéreas utilizam os helicópteros russos Mi – 17. Essas aeronaves de asas rotativas russas cada vez mais ganham espaço na América do Sul. A hegemonia dos EUA e da Europa Ocidental no fornecimento de equipamentos militares parece estar sendo ameaçada na região (RUIZREE, 2009).

Uma das opções pela escolha dos produtos russos seria um custo menor, boa qualidade tecnológica, robustez e facilidade de manutenção, isso fica mais evidente com os exércitos e forças aéreas na América do Sul.



## Relações Internacionais e as Forças Armadas do Cone Sul

Nos países estudados a influência externa nas Forças Armadas, como também nas denominadas Forças Auxiliares, instituições policiais responsáveis pela manutenção da ordem interna e com organização militar, tanto em relação à vinda de missões de treinamento, compra de equipamentos e aplicação de doutrinas e métodos de organização de origem europeia e norte-americana, seria basicamente a seguinte:

### Argentina

Exército – A influência alemã aumenta a partir da década de 1920 quando esteve no país uma missão militar alemã entre 1921 e 1926, substituindo a doutrina francesa que estava presente desde a Guerra Franco Prussiana na segunda metade do século XIX. Até o final da Segunda Guerra Mundial a influência alemã foi forte, incluindo a base para a formação da Escola Superior de Guerra. No pós-guerra a influência norte-americana aumentou tanto no fornecimento de equipamentos como no treinamento de militares, porém a influência européia aumenta na década de 1970 pela restrição ao fornecimento de blindados modernos, que foram adquiridos da França, Alemanha Ocidental e Áustria.

Outros equipamentos foram adquiridos na Bélgica e Itália, tais como fuzis, metralhadoras, peças de artilharia. A Aviação do Exército possuía equipamentos tanto europeus como americanos. Ocorreu assim uma relativa restrição a americanização, permanecendo a americanização mais com relação ao fornecimento dos equipamentos e em menor escala da doutrina. Desde o início do século XXI vem atuando cada vez mais em missões de Defesa Civil na Argentina e na América do Sul (ENGLISH, 1984; RIVAS; CICALES, 2009; D'ARAÚJO; CASTRO, 2000; VILLADA, 2007).

Marinha - Predominava a presença britânica na organização e fornecimento de navios, mas na década de 1930 a presença americana ganhou força, principalmente na Aviação Naval. Mesmo no pós-guerra a presença britânica continuou, sendo afetada pela presença da Alemanha no fornecimento de fragatas, destróieres, e submarinos a partir da década de 1980. A França também forneceu alguns navios de combate, lanchas e fragatas. A Grã Bretanha vendeu porta aviões nas décadas de 1950 e 1960, mas na Aviação Naval a presença norte-americana sempre predominou no pós guerra, com a compra de caças e helicópteros. A presença italiana e francesa na aviação naval ganhou força a partir do final da década de 1970.

Os EUA também forneceram cruzadores e destroieres nas décadas de 1950 e 1960, boa parte material da Segunda Guerra Mundial. A partir da década da 1980 a Alemanha teve papel importante no reequipamento da frota depois da Guerra das Malvinas, fornecendo destroieres, fragatas e submarinos. Apesar da influência britânica, o desempenho durante a Guerra das Falklands/Malvinas em 1982 teve eficiência somente na fase inicial de invasão das ilhas, e depois apenas com a Aviação Naval atuando em conjunto com a Força Aérea Argentina (ENGLISH, 1984; SCHEINA, 183; VILLADA, 2007; CASCIANI; MARAMBAIO; MARCHESSINI; MAIA, 2010).



Força Aérea - Desenvolveu-se a princípio com apoio italiano e francês, mas no final de década de 1930 a influência norte-americana foi aumentando. Tornando-se independente do Exército Argentino em 1947 a Força Aérea Argentina sempre teve desde sua fundação, as presenças britânica, norte-americana e francesa muito presentes, com a compra de aeronaves desses países, sendo na década de 1950 a mais poderosa da América do Sul, tendo inclusive desenvolvido de modo significativo a indústria aeronáutica com a Fabrica Militar de Aviones.

A partir da década de 1970, aumentou consideravelmente o auxílio israelense com a venda de caças Mirage franceses modernizados por Israel. No conflito das Malvinas em 1982 o melhor desempenho militar foi alcançado pela Força Aérea e a Aviação Naval, frente ao Exército e principalmente a Marinha. A influência da aeronáutica norte-americana e israelense através do treinamento e a formação de pilotos argentinos mostraram resultados, apesar das dificuldades logísticas e estratégicas na campanha aérea enfrentados pela Argentina no conflito. A aliança tradicional com os países europeus foi quebrada somente durante a Guerra das Malvinas em 1982, tendo sido retomada posteriormente. Entretanto é a força armada que conta com menos recursos modernos na atualidade (ENGLISH, 1984; VILLADA, 2007).

Gendarmeria – A influência pelo próprio nome é francesa, organizada de modo semelhante a instituição francesa Gendarmerie desde sua origem, mas a partir da década de 1970 as relações com a Alemanha e a Espanha aumentaram, tanto na compra de equipamentos como no intercâmbio entre as instituições policiais desses países, a Guarda Civil e a Polícia Federal forças auxiliares da Espanha e Alemanha. Atua como força auxiliar das Forças Armadas na manutenção da ordem, guarda de fronteiras, embaixadas, missões de busca e salvamento, missões de paz no exterior, e como as Polícias Militares no Brasil tem subordinação ao Exército. Essa força militar também atuou no conflito das Malvinas (ENGLISH, 1984).

Prefectura Naval – Formada nos moldes da Guarda Costeira dos EUA, todavia boa parte dos seus navios tem origem europeia, oriundos principalmente da Espanha como também suas aeronaves que são espanholas ou francesas, tendo atuado no conflito das Falklands/Malvinas em 1982. Mas em termos de organização e doutrina se aproxima mais do padrão norte-americano. Também atua nas missões de manutenção da soberania, proteção ambiental e preservação da vida e salvamentos em águas territoriais (ENGLISH, 1984).

Polícia Federal – Força policial nacional uniformizada, que mesmo sendo uma organização civil é bastante hierarquizada e com considerável grau de militarização, sendo considerada com as duas forças anteriores, também uma força auxiliar das Forças Armadas. Tem basicamente uma influência européia, mas também possui algum grau de americanização. Assim como no Brasil, com as Polícias Militares e a Força Nacional de Segurança Pública, congrega atividades de Polícia, de Defesa Civil e Corpos de Bombeiros a na mesma instituição, sendo o caso mais semelhante com os modelos existentes no Brasil.<sup>2</sup>

2 Dados enviados pelo Comisario Marcelo Rositto. Jefe División Central de Alarma Superintendencia Federal de Bomberos. Policía Federal Argentina, via correio eletrônico ao autor em 20 de novembro de 2008 e também: ENGLISH, Adrian J. Armed Forces of Latin America. op.cit, pp. 58-62.



## Brasil

Exército - A vinda de uma missão francesa na década de 1920 reorganizou e modernizou o Exército em termos profissionais, suplantando em termos de organização e doutrina a influência alemã iniciada no início do século XX através da ida de oficiais para a Alemanha para a realização de estudos de aperfeiçoamento. Com a participação do Brasil na Segunda Guerra e a criação da FEB – Força Expedicionária Brasileira, ocorre de fato a americanização no Exército, principalmente com a troca da matriz tecnológica da Alemanha e França para os EUA. No pós guerra a compra de equipamentos norte-americanos de segunda linha abasteceu as necessidades até a década de 1970, quando do surgimento de várias empresas bélicas no país, como a Avibras, Engesa, Embraer, Bernardini, etc, ganhando inclusive mercado nos países em desenvolvimento, principalmente na América do Sul.

Apesar da presença norte-americana, as origens francesas na organização do Exército nunca desapareceram por completo, como também o desenvolvimento de uma doutrina brasileira que influencia até os dias de hoje forças armadas de países vizinhos, especialmente o Paraguai e o Uruguai. Depois da década de 1990 a presença europeia novamente adquiriu força, principalmente pela compra de blindados, helicópteros e acordos de cooperação na aquisição e modernização de armamentos, principalmente blindados com a Alemanha e a Itália. A França vem desempenhando um papel importante na modernização da Aviação do Exército, com apoio da indústria aeronáutica francesa e da Helibras, empresa fabricante de helicópteros em Minas Gerais que é uma filial da Eurocopter da União Europeia (ENGLISH, 1984; MCCANN, 2007; VILLADA, 2007; FONTOURA, 2010)

Marinha - A influência britânica permanece sem concorrentes desde a vinda da família real em 1808 até a década de 1930, quando a presença norte-americana se faz presente. A vinda de uma missão militar naval americana para reorganizar a Marinha do Brasil nos anos vinte começa a dividir a presença britânica. Durante a Segunda Guerra mundial a presença norte-americana vai se consolidar, mas a influência britânica sempre permanecerá forte, tanto na compra de equipamentos como na adoção de doutrinas.

Na década de 1970, a compra e posterior fabricação de fragatas britânicas no Arsenal de Marinha, diminuiu a influência dos EUA, mas essa é mantida até os dias atuais pela compra de navios e aeronaves fora de uso da marinha norte-americana. O Corpo de Fuzileiros Navais se assemelha cada vez mais com os Fuzileiros norte americanos, tanto na compra de equipamentos como na adoção de doutrinas, mas mantém um espírito de corpo à britânica. A fabricação de submarinos alemães e a compra de helicópteros europeus ou fabricados pela Helibras sob licença no Brasil diminuíram a influência norte americana.

Nos anos noventa, novos navios de guerra são incorporados vindos dos EUA e da Grã Bretanha, como a vinda de um porta-aviões usado da França. Vale ressaltar que como no Exército boa parte desse material bélico é de segunda mão. A retomada da construção naval com fragatas e navios de menor porte faz parte de um processo recuperação na primeira década do século XXI. Mais recentemente foram estabelecidos acordos para a compra e fabricação de 4 submarinos convencionais na





França e também o apoio desse país para a fabricação no Brasil do primeiro submarino de propulsão nuclear por volta do início da segunda década de século XXI (OLIVE, 2002; MARTINS; GUEDES, 1985; GLOBONEWS, 2012; CASCIANI; MARAMBAIO; MARCHESSINI; MAIA, 2010).

Força Aérea - A Aeronáutica teve influências francesa, alemã e norte-americana na sua criação em 1941 quando da união da Aviação Militar e da Aviação Naval criando a Força Aérea Brasileira. Com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a presença norte-americana foi consolidada, sendo desde o início e também por ser a mais nova a força militar mais "americanizada". Entre as décadas de 1960 e 1980 o "monopólio" norte americano foi perdendo força, com a volta da presença francesa, alemã, italiana e britânica e o forte desenvolvimento da indústria aeronáutica nacional com a criação da EMBRAER no final da década de 1960. O desenvolvimento da aviação de caça com equipamentos franceses e italianos na década de 1970 foi uma alternativa as opções norte-americanas. Nos últimos quinze anos uma parte considerável dos equipamentos foram fornecidos pela EMBRAER, e outros aviões e helicópteros de transporte foram adquiridos na Europa ou fabricados no Brasil pela Helibras filial do grupo europeu Eurocopter que fornece helicópteros de origem francesa para as Forças Armadas.

A busca pela fonte europeia se deve ao fato de ao longo das últimas décadas ter oferecido menos resistência no fornecimento de equipamentos militares mais sofisticados do que os EUA, assim como produzido aeronaves militares em consórcio, como no caso dos caças Xavante e AMX entre Brasil e Itália. Com o crescimento recente da EMBRAER, um nicho no mercado externo com aviões de treinamento, ataque e transporte na área militar foi estabelecido, principalmente com os países vizinhos na América do Sul.(ASAS, 2005; SIQUEIRA, 1990; ENGLISH, 1984; REVISTA FLAP INTERNACIONAL, 2008).

Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares - Essas instituições, muitas delas criadas durante o século XIX, sempre tiveram influência militar europeia, principalmente francesa, mas em menor escala também alemã. Por serem forças auxiliares do Exército Brasileiro desde a constituição de 1934, acabaram absorvendo as doutrinas e equipamentos da força terrestre. Depois da Segunda Guerra Mundial a influência norte-americana cresceu significativamente nessas forças auxiliares, principalmente com relação a doutrinas e equipamentos. Entretanto a presença europeia principalmente francesa e alemã e em menor escala britânica nunca desapareceu por completo. A partir de meados da década de 1980 volta a ganhar força a presença francesa, principalmente nas atividades de policiamento aéreo. Nos Corpos de Bombeiros militares e também na Defesa Civil ocorreu a partir desse período a soma de influências francesa, norte-americana e alemã.

## Chile

Exército - A presença alemã no Exército Chileno é notada até os dias de hoje, tanto que os militares chilenos se apresentam como militares baseados no modelo prussiano. A vinda de uma missão militar alemã a partir de 1886, reforçada em 1895 manteve os vínculos germânicos mesmo com as derrotas da Alemanha nas duas Guerras Mundiais. No pós guerra a presença norte americana ganha força, mas tanto no período democrático quanto no governo militar entre 1973-1990 a presença europeia mantém sua força, basicamente com relações com a Alemanha Ocidental e a França.



Com a volta a democracia na década de 1990 a presença alemã e francesa reaparece em detrimento da compra de equipamentos e adoção de doutrinas norte americanas. Recentemente o Exército Chileno foi reequipado com blindados, aviões e helicópteros de origem alemã, francesa e espanhola tornando-se um dos mais bem equipados da América do Sul e reforçando novamente a presença histórica alemã na instituição (ENGLISH, 1984; VILLADA, 2007).

Marinha – A presença britânica tem se mantido constante desde as guerras de independência na década de 1810. É provavelmente a Marinha mais britânica da América do Sul, seguida pelas marinhas do Brasil e Argentina. Mesmo depois da Segunda Guerra mundial a presença norte americana nunca conseguiu suplementar o espírito britânico, mesmo com fornecimento de navios, submarinos e aeronaves de segunda mão, que não eram mais utilizados pela marinha dos EUA. Sempre que possível são comprados navios europeus, fato acentuado depois da década de 1990, com uma diminuição significativa da presença norte-americana. Isso é demonstrado na recente renovação da frota chilena com fragatas, navios de apoio e submarinos de origem britânica, alemã, francesa e holandesa e a manutenção de laços fortes com marinha britânica (ENGLISH, 1984; VILLADA, 2007; MARAMBAIO, 2010; CASCIANI; MARAMBAIO; MARCHESSINI; MAIA, 2010).

Força Aérea – Criada em 1931 com influência alemã, britânica e francesa, após a Segunda Guerra americanizou-se, sendo nas forças armadas chilenas aquela que conta com a maior presença norte-americana até os dias de hoje. Todavia a presença européia tem mantido uma presença forte, principalmente de equipamentos britânicos, alemães e franceses com o fornecimento de caças, aviões de transporte, helicópteros e a fabricação de jatos de treinamento oriundos da Espanha. Nos últimos dez anos a presença norte americana voltou a ganhar força com compra de caças, helicópteros e aviões de transporte e reabastecimento aéreo (ENGLISH, 1984, VILLADA, 2007).

Carabineros – Criada em 1927 a polícia militarizada nacional tem forte influência alemã na doutrina até os dias atuais. Tem uma organização mais próxima daquela encontrada nas polícias da Europa, com uma estrutura centralizada e militarizada, como das polícias na Espanha, Itália e França. Adquire boa parte dos seus equipamentos na Europa e também veículos no Brasil, parte considerável dos armamentos já é produzida no próprio Chile. Junto com o Exército é a força militar mais germanizada do país, sendo influência americana menos presente. Atua frequentemente em missões de Defesa Civil, manutenção da ordem interna do país, defesa de fronteiras e guarda presidencial (ENGLISH, 1992).

## **Paraguai**

Exército – A influência francesa esteve presente durante o século XIX, sendo substituída pela presença chilena, argentina e alemã no início do século XX, tendo inclusive sido contratada uma missão alemã a partir de 1913, assim como foi estabelecido um relacionamento mais próximo com as Forças Armadas Chilenas. Todavia em 1926 uma missão militar francesa foi contratada, estabelecendo como no Brasil novas doutrinas e modelos de organização. Com a vitória na Guerra do Chaco contra a Bolívia na década de 1930 o Exército passou a ser o principal ator político no Paraguai.



Depois da Segunda Guerra mundial a influência da Argentina perdeu espaço para a do Brasil, depois da subida ao poder do General Stroessner em 1954, aproximando mais as forças armadas dos dois países. Os EUA sempre mantiveram uma posição de destaque no fornecimento e implementação de doutrinas. Ainda hoje a presença brasileira nas Forças Armadas paraguaias é a mais preponderante, seguida da presença chilena e argentina (ENGLISH, 1984; D'ARAÚJO; CASTRO, 2000).

Marinha – Apesar de ser um país mediterrâneo, possui uma marinha fluvial bem organizada, já que o país é cortado por inúmeros rios que acabam servindo como meio de comunicação, inclusive com o exterior. Além do surto de construção naval ocorrido durante a Guerra do Paraguai na década de 1860. A partir de 1930 faz aquisição de navios na Itália, utilizados durante a Guerra do Chaco contra a Bolívia entre 1932 e 1935. Desde a década de 1950 a Argentina, EUA e Brasil tem equipado as forças fluviais paraguaias.

Nas últimas três décadas as influências mais significativas são oriundas da Argentina e do Brasil, com os EUA com uma presença menos evidente, fora o caso do fornecimento de navios de fabricação norte-americana, que anteriormente tinham pertencido a Marinha Argentina. A partir da década de 1980 a presença brasileira foi acentuada, com o fornecimento de um navio fluvial da classe Roraima construído no Rio de Janeiro e helicópteros Esquilo da Helibras, aumentando mercados para a indústria bélica nacional e reforçando o estabelecimento de uma doutrina com influência brasileira na Marinha do Paraguai (ENGLISH, 1984; REVISTA FLAP INTERNACIONAL, 2008; CARNEIRO, 1985; CATTONI NETO, 1985).

Força Aérea – A organização da Aviação Militar no Paraguai na década de 1920 e depois durante a Guerra do Chaco no início da década de 1930 foi basicamente francesa e italiana. Após a Segunda Guerra a americanização foi maciça, com o fornecimento de estoques de aeronaves americanas de segunda linha. Somente na segunda metade da década de 1970 é que aeronaves da EMBRAER foram fornecidas ao Paraguai, marcando a consolidação da presença militar brasileira, presente desde a década de 1960 com o treinamento de pára-quedistas e pilotos paraguaios no Brasil (ENGLISH, 1984; REVISTA FLAP INTERNACIONAL, 2008).

Polícia Nacional – Organizada de modo militar, se assemelha as Polícias Militares no Brasil, que conta inclusive com um serviço de Bombeiros na Capital, Assunção. Pode ser considerada como uma força auxiliar das Forças Armadas, seguindo o padrão encontrado nas Polícias Militares no Brasil (ENGLISH, 1984).

## Uruguai

Exército – A maior influência externa foi a francesa depois da Primeira Guerra que reorganizou o Exército. Depois da Segunda Guerra a americanização da instituição foi consolidada. A partir do regime militar instalado na década de 1970, tanto em termos de doutrina como de equipamentos a presença norte-americana aumentou consideravelmente. Na década de 1980 ocorreu uma aproximação com a Alemanha Ocidental com a compra de equipamentos blindados. Nesse mesmo período, Argentina e Brasil passaram a fornecer material bélico, com uma presença maior do Brasil desde



então. Depois do fim da Guerra Fria o Exército vai adquirir boa quantidade de equipamentos do antigo bloco socialista, países ex-URSS e de Israel; como blindados, caminhões, navios de patrulha, etc. Da Rússia foram obtidos blindados e caminhões para uso em todo o terreno cobrindo dívidas desse país com o Uruguai (ENGLISH, 1984; VILLADA, 2007; CATTONI NETO, 1985).

Marinha – A grande influência externa até a Segunda Guerra é a britânica como em outras marinhas do Cone Sul, sendo que a partir da década de 1950 os EUA passaram a fornecer boa parte do material e da doutrina, assim como reequipar a aviação naval, que até então tinha aeronaves de origem européia. Novos navios de origem norte-americana de segunda mão foram adquiridos. Desde a década de 1980 foram comprados navios e aeronaves na França, Alemanha e Reino Unido, diminuindo a dependência dos EUA (ENGLISH, 1984, VILLADA, 2007).

Força Aérea – A aviação militar uruguaia foi até a criação da Força Aérea em 1953 organizada em moldes europeus e com aeronaves de origem francesa, britânica e italiana. Depois da Segunda Guerra tornou-se a mais americanizada das Forças Armadas do país recebendo boa quantidade de aeronaves de transporte, combate e helicópteros. Na década de 1970 foram adquiridas aeronaves de outros países, como Espanha, Brasil e Argentina. Mais recentemente foram adquiridos helicópteros e aeronaves de transporte da Alemanha e Reino Unido (ENGLISH, 1984; REVISTA FLAP INTERNACIONAL, 2008).

## Considerações Finais

A relação entre as influências externas nas Forças Armadas do Cone Sul e os países europeus continuou desde o início do século XX, mas sempre sofrendo forte concorrência por parte dos norte-americanos, principalmente depois de 1945. A situação privilegiada dos EUA nas duas décadas posteriores ao fim da Segunda Guerra passou a enfrentar forte concorrência da França, Alemanha Ocidental, Reino Unido e Itália já no final da década de 1960. Entretanto, podem ocorrer situações mais complexas com a freqüente sobreposição de doutrinas e formação de doutrinas “misturadas localmente” mais adequadas ao modelo de Estado e características de cada país, ou mesmo eventualmente a transferência de influências entre as Forças Armadas dos países do Cone Sul.

Um fator pouco lembrado é que com o surgimento dos governos militares a partir da década de 1960 no Cone Sul, era destacada a presença norte-americana nas Forças Armadas e de Segurança Pública. Porém, como destaca Virgílio R. Beltran, a influência européia parece que nunca perdeu sua força, disputando com os EUA sua influência até os dias atuais em termos de doutrinas e equipamentos. A posição marginal dos países do Cone Sul no cenário internacional explicaria também o atraso na recepção de modernizações nas Forças Armadas da região, já ocorridos em outros países na Europa e América do Norte (BELTRAN, 2000).

Uma possibilidade de explicação para essa situação é o lobby das indústrias bélicas, atuando evidentemente com apoio dos governos e da diplomacia dos seus países de origem, para a venda de equipamentos. Essa relação histórica com a Europa Ocidental e os EUA facilitaria a aquisição de



equipamentos militares. Provavelmente era mais cômodo adquirir equipamentos em países com os quais sempre existiram acordos militares e a presença de adidos militares dos países produtores de armamentos e o fornecimento de doutrinas e modelos organizacionais. As relações históricas, culturais e econômicas dos países do Cone Sul com a Europa Ocidental e os EUA também tem um papel significativo nesse contexto.

Uma hipótese para explicar a volta da influência externa europeia nas Forças Armadas Cone Sul a partir de meados da década de 1980, seria a recusa dos EUA do fornecimento de material bélico mais sofisticado, principalmente a partir do governo Carter na segunda metade da década de 1970. Isso teria facilitado o avanço da indústria bélica europeia na região, reestruturada e em expansão na busca por novos mercados concorrendo então com os EUA e a antiga URSS nas décadas de 1970 e 1980.

Outro fator importante é o papel mais relevante da indústria bélica israelense e mais recentemente da russa nas duas últimas décadas depois do fim da Guerra Fria, ocupando espaço numa área aonde historicamente o consumo de material bélico foi de origem norte-americano e europeu. Isso vem ocorrendo provavelmente devido ao estabelecimento de menos restrições para a venda de material bélico para países do Cone Sul por parte desses dois países, visando garantir mais vendas de material bélico para um mercado não tradicional.

Outro fator importante é que nos últimos quarenta anos também foram estabelecidas parcerias com o Reino Unido, Alemanha, França, Itália e Espanha para o desenvolvimento da indústria bélica nos países do Cone Sul, no caso específico da Argentina, Brasil e Chile, que desenvolveram suas indústrias bélicas com a parceria de países europeus. Não aconteceu o mesmo com os EUA que prefere manter mais o papel de fornecedor do que de parceiro estratégico na área bélica. Israel e em menor escala a Rússia vem buscando estabelecer parcerias, correndo atrás do tempo perdido. Apenas mais recentemente os EUA vem buscando estabelecer mais parcerias, especialmente com o Brasil, principalmente com parcerias com a EMBRAER na fabricação do avião de transporte KC-390 e na concorrência para a compra de caças FX da FAB.(GLOBONEWS, 2012; LORCH, 2012, VILLADA, 2010, MARAMBAIO, 2010).

## REFERÊNCIAS:

ASAS. Revista de Cultura e História da Aviação. Força Aérea Brasileira 2005, Ano V – Numero 27 – Outubro/Novembro 2005. São Paulo, 2005;

Aviação Militar na América Latina. Edição Especial. Revista Flap Internacional (2008). No 430 / ano 45. São Paulo.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz (2005). Formação do Império americano: da guerra contra a Espanha à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.



BELTRÁN, Virgilio R. "Las fuerzas armadas del Cono Sur de América frente al siglo XXI: algunas alternativas de cambio" in: FASOC, Ano 15, N° 3, julio-septiembre, (2000). Santiago: FLACSO-Facultad Latinoamericana de Ciências Sociales, juio-septiembre, , pp. 50-67.

COSTA, Wanderley Messias da (2010). Geografia Política e Geopolítica. Discursos sobre o Território e o Poder. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

CASCIANI, Hernan; MARAMBAIO, Cristián; MARCHESSINI, Alejo; MAIA, Paulo. (2010) "Submarinos na América do Sul" Tecnologia e Defesa, n° 122, ano 27. São Paulo, pp. 16-32.

CATTONI NETO, Augusto. "Exportação de Armamentos do Brasil". Segurança e Defesa (1985), n° 3, Janeiro/Fevereiro. Rio de Janeiro, pp. 28-37.

CAZADERO, Manuel (1995). Las Revoluciones Industriales. Mexico DF: Fondo de Cultura.

D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso [organização]. (2000) Democracia e Forças Armadas no Cone Sul. Rio de Janeiro: Editora FGV.

ENGLISH, Adrian J. (1984) Armed Forces of Latin America. London: Jane's.

FEINSTEIN, Andrew. (2011) The Shadow World. Inside the Global Arms Trade. New York: Farrar/Straus/Giroux.

FONTOURA, Alexandre. "Os planos de modernização do Exército Brasileiro" Segurança e Defesa (2010), n° 99. Rio de Janeiro, pp. 30-34.

GLOBONEWS. Exportação de armamentos movimentam economias e causa polêmicas pelo mundo. Programa Sem Fronteiras/Globonews, 2012.

HOBSBAWN, Eric. (1995) A era dos extremos. O Breve século XX. [1914-1992]. São Paulo: Companhia das Letras.

LORCH, Carlos. "F-X2. Novidades no Ar. Revisitando a concorrência do novo caça" Revista Força Aérea (2012). Ano 17, n° 79, dezembro. Rio de Janeiro, Action Editora, pp. 46-57.

MARAMBIO, Cristián. "A indústria de defesa no Chile". Tecnologia e Defesa (2010), n° 120, ano 27. São Paulo, pp. 66-70.

MARTINS, Hélio Leôncio vice-almirante; GUEDES, Max Justo CMG [organizadores]. (1985) História Naval Brasileira. Volume Quinto. Tomo II. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha.

MCCANN, Frank D. (2007) Soldados da Pátria. História do Exército Brasileiro 1889-1937. São Paulo: Companhia das Letras.

RIVAS, Santiago; CICALESÍ, Juan Carlos. "S & D entrevista Brigadier General Jorge Chevalier". Segurança e Defesa (2009), n° 93. Rio de Janeiro, pp. 40-4.

RUIZREE, R. "Um helicóptero russo na FAB". Segurança e Defesa (2009), n° 94. Rio de Janeiro, pp. 36-37.



SCHEINA, Dr. Robert L. "Argentina's navy in the Falklands War" in: MOORE, Captain John. Jane's Naval Review (1983). Edited by Captain John Moore RN. Third year of issue, London: Jane's Publishing Ltd, pp. 21-27.

VESENTINI, José William. (2012) *Novas Geopolíticas*. São Paulo: Editora Contexto.

VILLADA, Cristian [et. ali] "Forças Armadas da América do Sul. Um panorama do momento atual". *Tecnologia e Defesa* (2007), nº 110, ano 24. São Paulo, pp. 20-54.

ZAKARIA, Fareed. (2008) *O mundo pós-americano*. São Paulo: Companhia das Letras.